



**DA LINGUAGEM POLIFÔNICA À QUESTÃO RELIGIOSA –
A CRIPTA DO PROSADOR, DRAMATURGO, EDITOR, ARQUITETO,
ORGANISTA E ORGANEIRO HANS HENNY JAHNN**

Marcus Tullius Franco MORAIS¹

Em língua portuguesa não conhecemos a obra do escritor alemão Hans Henny Jahnn (1894-1959). São doze volumes robustos, um pouco mais de treze mil páginas de romances, contos, roteiro de cinema, peças de teatro e escritos sobre Literatura, Arte e Política. É uma bela edição da Editora Hoffmann und Campe, de Hamburgo, na Alemanha.

Ao lado de outros autores alemães de vasta cultura erudita, Jahnn é pouco lido além do Reno. Alguns desses poetas já encontraram ressonância em outras culturas. No caso de Jahnn, está sendo traduzido para algumas línguas européias, principalmente para as línguas escandinavas. Jahnn viveu décadas de exílio entre as florestas, os fiordes e os glaciares de Bjørnstjerne Bjørnson e Henrik Ibsen.

A linguagem do prosador e dramaturgo é audaciosa e variegada. Às frases breves sucedem-se arrebatamentos em fluxos de pulsações rítmicas, e longos monólogos introspectivos. Sua narrativa assemelha-se a composições musicais. Essa linguagem, combinada com seus *Leitmotive*, faz dos textos verdadeiras fugas verbais. No romance *Rio sem margens* (Fluss ohne Ufer), o narrador vê o mundo através dos olhos e da sensibilidade de um compositor. Preocupado em ser o mais verdadeiro possível, tem ciência do problema da escritura. Para ele, a existência pode ser fixada na medida em que se consegue ressuscitar na memória imagens e encerrá-las no casulo da palavra.

Uma das dificuldades do tradutor é dar conta dessa linguagem polifônica utilizada pelo escritor. Sua linguagem deve ser entendida e transposta com seu ritmo e sonoridade. O mais difícil de traduzir são as passagens em que o punho do autor empurra a sintaxe

¹ Estudou Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília, e Literatura Alemã na Universidade Livre de Berlim (*Freie Universität Berlin*). Traduziu e editou, de Joseph Roth, a novela *A lenda do santo beerrão* (São João del-Rey: Ugrino, 2000); de Hans Henny Jahnn, a novela *A noite de chumbo* (São João del-Rey: Ugrino, 2004) e o conto *Mov* (Belo Horizonte e Juiz de Fora: Espectro Editorial, 2006). Traduziu poemas de Selma Meerbaum-Eisinger ("Lírica no limbo", in: *Revista 18*, ano IV, n. 17, set./out./nov., São Paulo, 2006, pp. 50-53) e de Gertrud Kolmar ("Encanto, recolhimento, obliteração", in: *Revista 18*, ano IV, n. 19, fev./mar./abr., São Paulo, 2007, pp. 52-54). O conto *O relojoeiro* (Der Uhrenmacher) faz parte do livro *13 histórias singulares* (13 nicht geheure Geschichten), publicado em 1954, na Alemanha. A edição utilizada para a tradução foi "13 nicht geheure Geschichten", Hans Henny Jahnn, Editora Hoffmann und Campe, Hamburgo, 1995, pp. 31-35. Atualmente Marcus Tullius vive em Marília-SP, onde trabalha como professor e tradutor de alemão. E-mail: ugrino2000@bol.com.br



tradicional, fazendo proezas verbais: as palavras se interpenetram, sugerem, reverberam umas sobre as outras.

A música tem grande importância na obra ficcional do autor. Essa influência aparece como citações diretas e até mesmo como notas, ou como alusões verbais ao longo de muitas páginas, descrevendo músicas e as realizando em ficção. A formação musical de Gustav Anias Horn, protagonista do romance *Rio sem margens*, é a formação e o gosto musical do próprio Jahnn, incluindo seus estudos sobre a obra de Wolfgang Amadeus Mozart e do compositor dinamarquês Carl Nielsen. A sinfonia de Horn, *O Inevitável* (Das Unausweichliche), é, em prosa, o oratório *Gilgamesch*, escrito por Jahnn em meados dos anos 20 para algumas passagens do épico babilônico *Gilgamesch*. Nos romances *Rio sem margens* e *Perrudja* aparecem alguns dos cânones do jovem Jahnn, como citações visuais. A música torna-se, em longas passagens, um texto subjacente para o discurso verbal, onde compor e escrever fluem juntos.

Em sua obra há revolta contra a organização humana, que para ele é uma máquina que produz manipulação, vício, sofrimento e injustiça, sobretudo contra a sorte das criaturas. Sua prosa é um hino às paisagens, aos animais, aos elementos naturais que são insubstituíveis.

O mundo do escritor não é apenas a sociedade humana, é o Universo, a Natureza. O homem faz parte dessa Natureza. Ele é, como todos os seres, perpassado pelas forças que a regem. Para ele, o homem não está acima dos animais, apenas se apropriou dessa superioridade explorando as outras criaturas. Sua obra apresenta uma inabalável fraternidade para com os humilhados e as vítimas, uma complacência ampla e generosa. Ele se agita de uma fraternidade real, de um encontro com as outras criaturas, não de uma atitude condescendente.

Arquiteto e especialista em órgão antigo, o escritor conhecia a fauna e a flora, os cristais, os termos técnicos das corporações e a navegação – seus ancestrais eram construtores de barcos. No séc. XVI já tocavam um estaleiro numa pequena ilha no Rio Elba. Discípulo dos neo-pitagóricos Hans Kayser e Albert von Thimus, Jahnn percebia o Universo como um todo harmonioso. Para esse representante da Modernidade, as relações rítmicas das proporções numéricas, como os pitagóricos ensinaram, formam um princípio determinante para a natureza da Música e da Arquitetura. Jahnn estudou Polifonia, tal como culminara com Josquin des Prés e organistas como Samuel Scheidt, Dietrich Buxtehude, Vincent Lübeck, Johann Sebastian Bach e outros mestres do Barroco. O Deus de Jahnn é a força que pensa e ulula no homem, *o zero que pulsa no desconhecido as razões do acaso*, segundo o



sistema harmônico neo-pitagórico de Thimus e Kayser; portanto, uma força aterradora. *As coisas são o que são, o destino de toda a criatura é devorar ou ser devorado*, de onde um sentimento de impotência, desespero às vezes, por parte do autor. Na obra há uma existência inquirindo quanto ao sentido da Criação. O romance e a vida são uma busca, uma tentativa de recolher partes e dar a isso uma unidade com o Universo.

O RELOJOEIRO

Em memória do meu bisavô, Matthias Jahn

Subo os degraus de pedra de uma escada, empurro a porta, e estou na loja.

“Pai”, digo tremendo, e ele chega arrastando os chinelos. Sua silhueta passa diante da fileira de janelas: doze nichos de janelas pequenas, estreitas, separadas umas das outras por colunas geminadas e dois pilares engastados na parede, unidas por um longo peitoril de pedra – uma parede feita de sombra e luz.

“Pai”, digo, “mostre-me os relógios.”

Ele me leva em direção às estantes. Ouço o tique-taque melódico dos relógios como batidas de muitos corações. Ele pega algumas das peças preciosas, ergue-as e as deposita no peitoril. Seus dedos movem os ponteiros de um mostrador e, com cada hora que roda rapidamente, a engrenagem oculta trila uma breve canção. Trila suave como um pássaro, sensível como uma melodia para a qual se poderia encontrar palavras. Pensando nisso, vejo na caixa um minúsculo melro dourado batendo as asas, abrindo o bico; no que termina seu canto, voa em disparada para o interior da caixa; uma porta se fecha.

“Faz bater mais uma vez as doze horas”, peço.

Ele sacode a cabeça dizendo não. Põe perto do meu ouvido um relógio de repetição de forma esférica. Dá corda, e com um sino delicado a pequena engrenagem encantada bate as horas e os minutos desse momento do dia. De repente, eleva-se uma música fúnebre de sinos, sinetas, vozes de animais, tambores, flautas se misturando. A hora em ponto é aclamada por cem relógios ativos. Por um minuto paira na loja uma santidade, como se o



anjo negro da morte tivesse passado por ali. Então, vagorosamente, o tempo se coagulou no silêncio dos tique-taques regulares. Sustive a respiração.

“Isso é que é sublime”, diz meu pai, “que cada hora tenha o seu valor, que nenhuma se acabe sem que se cantem louvores. Quantas horas eu já ouvi!”

Com espanto tímido, olho os grandes relógios de pêndulo com seus pesos maciços em chumbo e latão pendurados em bordões, oscilando lentamente, contando os segundos. O timbre dos sinos soava tão argênteo e tão puro que sinto uma bambeza reverente nos joelhos.

“Mostre-me o relógio mais bonito, pai.”

“Mais tarde”, ele responde, “depois do pôr-do-sol, filho!”

Ele pousa um escrínio fininho à minha frente.

“Me diz as horas”, ele diz para mim.

“É um escrínio”, digo tentando abri-lo, sem conseguir. Está fechado por todos os lados. Meu pai sorri. Com o dedo ele toca uma das seis faces, a mais polida, e, imediatamente, como se brotassem do interior, surgem números que rapidamente se extinguem.

“Como pode ser possível?”, perguntei surpreso.

“Muitas coisas são possíveis”, respondeu serenamente, “mas só poucas entre as coisas possíveis são sem culpa. Um relógio existe sem culpa, mesmo que às vezes chegue às margens do irreal. A maioria das máquinas é culpada, esta não.”

Passamos outra vez diante das estantes com relógios de pêndulo em belas caixas. Com um brilho amarelo, o bronze se alastra ladeando os mostradores. Duas crianças de pé num pedestal de mármore, Eros e Psiquê, seguram um disco dourado onde tufos de miosótis sustentam algarismos romanos; o azul cobalto do esmalte tem o sabor dos lábios de uma moça moribunda por quem se tem amor. Embora distraído em meio a tantos esplendores, pergunto, ávido:

“Isso é tudo?”

Não, isso não é tudo. Ele aproxima um globo celeste partido sobre um carro. Aros de latão descrevem os cursos dos planetas; esferas talhadas num quartzo claro como água ilustram os astros. No centro do espaço sideral, Vênus está sentada no trono, tendo em seu colo uma pedra amarelo-mel faiscante: o sol. Com suas mãos delicadas e hábeis, meu pai solta a trava do ponteiro que mede os segundos; a máquina engenhosa precipita-se fora do



tempo, os planetas se põem a mover seguindo seus cursos, a lua minguava, torna a crescer. Um mês passa, passa um ano, passou por mim o zodíaco inteiro com seus animais espalhados pela abóbada celeste, gravados em negro sobre metal brilhante, oscilando suavemente por trezentos e sessenta e cinco dias. Sinto vertigem. Volta a música fúnebre. O cântico da hora em ponto começa. Interrompe-se.

“Agora, este relógio vai descansar por um ano”, diz meu pai, “eu o fiz para você.”

Ele se põe a divagar. Volta a bloquear o movimento do ponteiro de segundos, parando o relógio. O universo jaz morto sobre o carro. Estou prestes a chorar. Ele fez alguma coisa para mim. Nunca fez nada para a mãe. Ela não conhece os relógios. Tem medo deles.

“Muitas horas passaram”, ouço-o dizer, “perdemos a noção do tempo.”

Seu ajudante chega correndo. Traz consigo dois livros grossos onde figuram os cálculos complicados e as ilustrações engenhosas das engrenagens intrincadas.

“Sente-se no peitoril da janela”, diz meu pai, “fique quietinho. O dia está se pondo. Os relógios estão esperando pelo repouso.”

Rapidamente, o ajudante trancou os livros num armário. Vejo meu pai trancar a porta da loja e precipitar-se para os fundos. O ajudante apressa-se a segui-lo. Vejo-os desaparecerem no alto de uma estreita escada em caracol. A última coisa que diviso são os pés do ajudante. Subitamente, a música fúnebre recomeça, mais exortante que antes, quase funesta. O som argênteo dos relógios de pêndulo é sufocado; as flautas mal começam, amortecem; as vozes dos animais desaparecem com um breve rugido de medo, o pergaminho dos tambores estoura. As badaladas do bronze de um sino de igreja sobem das profundezas como um tremor de terra. A estante grande põe-se em movimento diante de mim. Deslizando como um barco com as velas enfunadas, desaparece em direção ao fundo da loja. O armário onde o ajudante trancou os livros afunda-se. Agora a parede engole a estante. Os relógios de pêndulo dispensam seus mostradores e se escondem numa sombra propícia. A loja vai se esvaziando. Meu coração não parou de bater, mas não posso me mover. Algo vai caindo das paredes, primeiro como pó, depois de outra forma. O chão se abre. O som dos sinos, como um feixe de raios quebrados, sobe pela fenda tal sepulcro escuro cuja campa foi retirada, de sorte que poderia erguer-se o espectro inquietante de um morto que não encontrou repouso. E há barulho lá no fundo. Barulho nas paredes. Ruídos, um leve rangido; um púlpito surge. Avisto anjos cor de carne pairando em meio às moitas de louro, acanto, salsa e buxo. É um minúsculo órgão barroco que se ergue acima da balaustrada do púlpito. Folhagens estranhas emolduradas



com entalhes de madeira colorida perfilam-se diante das paredes. Genuflexórios baixinhos saíram de dentro do sepulcro. Entre eles vejo figuras humanas se movendo. Não sei se são seres vivos ou mortos, se são engrenagens fantasiadas de bonecos! Sons agudos e estridentes saem soprados das bocas dos tubos; um coral começa a entoar todas as harmonias. Pela primeira vez, sinto que uma obra fantástica da mecânica se formou diante dos meus olhos. Ouço o tique-taque dos relógios atrás das paredes. Um fuso aciona as válvulas sobre as aberturas das flautas de um órgão. O dia morre. Um mecanismo vai lhe erigindo um pequeno santuário, para que não se afunde no túmulo da noite sem que o houvessem estimado. Mais tarde, depois do entardecer – havia dito meu pai – eu veria a sua mais bela obra.

Todos os cantos dessa sala artificial estão estalando. As transformações prosseguem. As paredes se abrem como sepulcros e engolem a aparição. O local fica nu. Ainda estou sentado no parapeito da janela. Diviso, ao fundo, a escada em caracol. Saio por cima, atravesso a oficina. As mesas estão cobertas de peças de relógios inacabados, estruturas de metal amarelo cuidadosamente polido onde será suspenso o organismo gracioso. Eixos brancos brilhantes e os milhares de dentes das engrenagens fresadas com precisão. No nicho de uma janela que dá para a rua, meu pai e seu ajudante estão sentados à mesa bebendo vinho, partindo o pão, comendo azeitonas pretas.

“O que é que você me diz do relógio que preenche a loja inteira?”, pergunta meu pai. O ajudante intervém na conversa:

“O senhor já fez melhor, mestre.”

“Isso é discutível.” Meu pai se anima. Empurra seu copo em minha direção, passa-me o pão e as azeitonas. Pergunto a ele:

“Por que você nunca come comigo e com a mãe?”

“Os relógios ficariam tristes se eu os abandonasse”, respondeu baixinho.

“Nós também ficamos tristes”, disse eu em tom resoluto.

“É que eles iriam parar e nunca mais retomariam seu curso. O coração de vocês não pára, não se quebra.”

Tradutor convidado pelo periódico

Texto enviado em 22/07/2008